

Para alguns, reunião fortaleceu o País

FABIO PAHIM JUNIOR

WASHINGTON — O Brasil saiu da 48ª reunião anual do FMI-Banco Mundial, em Washington, mais perto de um forte programa econômico, cujas linhas básicas são esperadas para este mês. Como Tancredo Neves em 1984, Fernando Henrique Cardoso viu de perto como se comportam as instituições multilaterais com o Brasil, a última grande nação latino-americana com inflação anual superior a dois dígitos.

O Fundo quer ver no Brasil um programa de ajuste, usando a mesma receita que deu certo para os outros — abertura, equilíbrio fiscal, privatização, se possível moeda conversível.

O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, havia dado um tratamento especial ao último ministro da Economia da fase Collor, Marcílio Marques Moreira. Cardoso pela primeira vez encontrou-se formalmente com Camdessus como ministro, depois de muitos telefonemas, e desfez uma preocupação:

foi recebido com palavras "encorajadoras" do diretor-gerente e saiu sorridente de uma conversa que durou o dobro do tempo previsto. O ministro brasileiro, que havia mantido no passado contatos acadêmicos com Camdessus, da esquerda católica, não tem com ele a proximidade de Marcílio, mas não há motivo para preocupação. Camdessus e Cardoso, cada qual na sua esfera de influência, têm um importante papel político, e sabem muito bem disso.

"Vamos concentrar todos os nossos esforços na luta contra a inflação", disse o ministro ao fazer um balanço do encontro. O Brasil, previu, captará este ano um montante de recursos semelhante ao de 1992, cerca de US\$ 18 bilhões. Cardoso explicitou o motivo: o setor privado vai bem, embora o setor público vá mal. Como a idéia de derrotar a inflação faz parte de uma história de promessas não cumpridas, o ministro fica com o desafio de vencer um processo crô-

nico, que o FMI passa a reconhecer como mais difícil do que derrotar uma hiperinflação.

No Brasil, programas consequentes que levem à cura do doente não são feitos desde a época de Castelo Branco, com Roberto Campos e Octávio Bulhões no comando da economia. Agora, para obter o apoio do Congresso, o que era desnecessário na fase autoritária, Cardoso reúne-se com senadores brasileiros em Washington e sua equipe saúda a abertura da revisão constitucional. "É um sinal marcante", observou um dos principais assessores de Cardoso.

O Brasil dá sinais de vitalidade: a atividade econômica é mais forte e as ações valorizam, fenômeno

que ocorre em todo o mundo, mas por mais um ano, perde a oportunidade de ser a estrela da reunião de Washington — a mais importante do mundo das finanças que, globalizado, movimentava ativos de mais de US\$ 10 trilhões em ações, desenvolve um fabuloso mercado de bônus, commercial papers, swaps, notas

e títulos públicos, e que corre em direção aos países que pagam juros altos, como o Brasil, e capazes de honrar compromissos.

"O problema não é a dívida, nem as reformas, mas os efeitos da inflação sobre os pobres, que não usam moeda indexada", disse Cardoso. O Fundo reconhece que são muito difíceis as condições políticas, porque o Congresso não aprovaria uma lei que impedisse os déficits orçamentários. Legislações como essas "só existem na Micronésia", um hipotético e minúsculo país que não aceita problemas orçamentários, como costuma ironizar o diretor-gerente do FMI.

"Sempre que converso com estrangeiros sobre o Brasil, eles usam uma linguagem de confiança, com a expressão 'no momento em que vocês se recuperarem'", relata um banqueiro brasileiro. Cardoso diz que "o momento é agora", e por isso, recebe mais apoio. "O que parece impossível vai virar realidade", promete.

CAMDESSUS
E CARDOSO
TÊM UM
IMPORTANTE
PAPEL
POLÍTICO, E
SABEM DISSO



Bulhões: ministro no tempo em que os programas funcionavam